

Parte I - Os dados e suas análises Discentes e tecnologias

Douglas Calixto
Roberta Soledade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CALIXTO, D., and SOLEDAD, R. Discentes e tecnologias. In: CITELLI, A., ed. *Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2021, pp. 135-144. Comunicação e educação series, vol. 7. ISBN: 978-65-8621-337-9. <https://doi.org/10.7476/9786586213379.0012>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Entender os hábitos midiáticos dos alunos e alunas possibilita desvendar caminhos nos quais as práticas pedagógicas possam apropriar-se de recursos digitais e constituírem, em conjunto, novas formas de aproximação do contexto escolar à realidade de uma sociedade em rede repleta de novos significados, percepções e recepções das informações. Sabemos que não se trata simplesmente de transpor o conteúdo do livro para as plataformas digitais, ou criar formas “divertidas/lúdicas” de narrar o discurso tradicional das escolas – por meio de vídeos, jogos e animações. A análise pretendida nesta parte da pesquisa visa entender como os dispositivos digitais alteram a lógica social e educativa dos alunos e alunas, e como podem interferir na forma de apreensão de novos saberes.

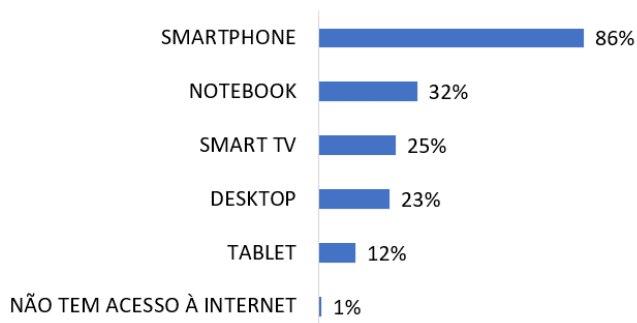
Cenários de imersão tecnológica

As questões selecionadas para a análise dos vínculos entre discentes e tecnologias indagam sobre: a) o *hardware* utilizado cotidianamente; b) qual a frequência de acesso ao smartphone durante as aulas; c) se na escola existem regras para uso do celular (principalmente em sala de aula); d) qual meio de comunicação o/a aluno/a utiliza para ver seus programas favoritos; e) como se conecta à internet; f) quanto tempo permanece conectado; g) qual o impacto desses hábitos na sua rotina escolar; h) quais os recursos tecnológicos com os quais tem contato em sala de aula; e i) quais os meios empregados para acessar os programas favoritos. O olhar

investigativo sobre as respostas inclui a prospecção acerca da possibilidade segundo a qual o cenário de imersão tecnológica em que os alunos e alunas se encontram refaz a lógica da comunicação tradicional do processo de ensino-aprendizagem.

O ponto de partida para esta análise foi verificar por qual *hardware* os alunos e alunas acessam a *internet*:

Figura 1 - Como costuma acessar a internet?

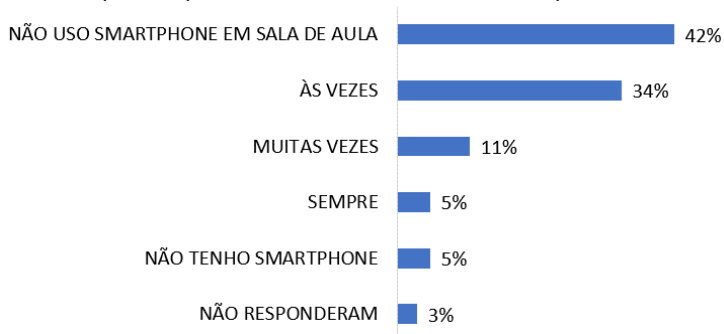


Fonte: MECOM; 2019

Seguindo a mesma lógica encontrada na análise docente, os dispositivos móveis individuais são os mais utilizados pelos alunos e alunas para conectar-se à internet, totalizando 86%, mais que o dobro que o segundo lugar, no qual o acesso é efetivado por meio do notebook, com 32% de menções. Esse dado nos revela que os alunos e alunas, assim como os/as docentes, estão acessando a internet com mais independência/mobilidade, não dependendo exclusivamente dos equipamentos escolares para entrar no circuito da rede digital. Tal fato reforça a seguinte percepção: a busca das informações, de maneira geral, está mais presente ao longo do dia por meio dos dispositivos móveis individuais, e não mais em locais e horários fixos determinados pelo ensino tradicional.

Essa constatação enseja aspectos importantes a serem considerados na interface do ambiente escolar com as tecnologias, como a falta de controle da escola em relação ao uso do celular em sala de aula. A possível ausência de diretrizes claras por parte do estabelecimento de ensino e professores e professoras poderá resultar em distrações vinculadas à alternância de atenção entre o que está acontecendo no espaço físico da sala de aula e o que ocorre no espaço virtual acessado pelos alunos e alunas, conforme a seguir:

Figura 2 - Com que frequência você acessa o seu smartphone em sala de aula?

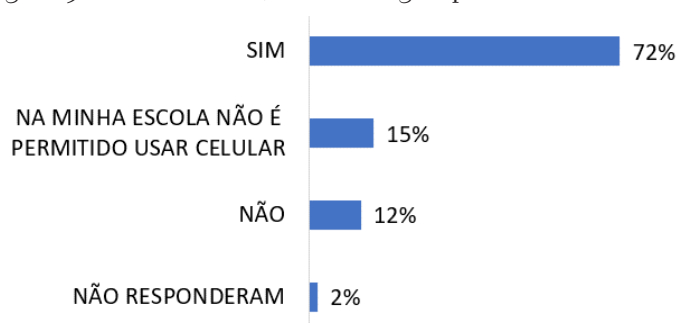


Fonte: MECOM (2019)

Em análise inicial, os/as 42% que representam a maior porcentagem no balanço das respostas revelam “não usar o smartphone em sala de aula”. No entanto, percebemos que ao somar os números das respostas “*sempre*”, com 5%, mais o “*muitas vezes*”, com 11% e o “*às vezes*”, com 34%, perfazemos um total de 50%. Cerca de 50% dos/das estudantes, portanto, usam o celular em sala de aula, embora a maioria não o utilize em todos os momentos.

No próximo gráfico, os alunos e alunas indicam a existência (ou não) de regras de utilização estabelecidas pelas escolas, considerando o cenário de crescente aquisição de smartphones.

Figura 3 - Na sua escola, existem regras para o uso do celular?

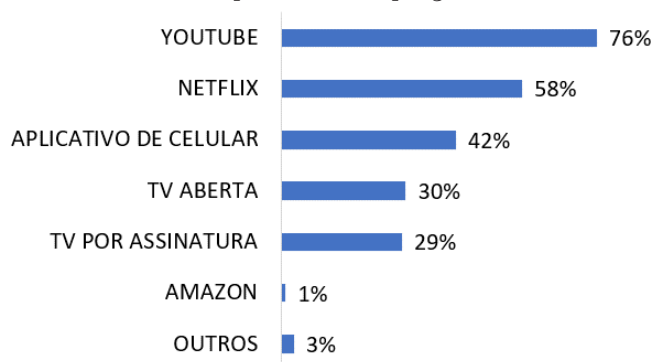


Fonte: MECOM (2019)

Quando a maioria dos entrevistados e entrevistadas, 72%, afirma que a escola especifica quais são as regras para uso de celular, temos evidências claras da preocupação pedagógica em relação à construção do processo

de ensino-aprendizagem em um ambiente de alunos e alunas desejosos por conexão permanente com a internet. Uma vez crescente o número de alunos e alunas com dispositivos móveis, é preciso estabelecer critérios para que a sala de aula não se torne um local de entretenimento digital, com toda a atenção centralizada na tela do smartphone. Importa a proposição de caminhos para que a lógica da convergência massiva ao emprego desses equipamentos abra entre os/as jovens uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem em termos de sociabilidades e padrões culturais, para além da lógica exclusiva do entretenimento descompromissado. Diante da pergunta seguinte, as respostas¹ indicam novos marcadores culturais dentro da variável tecnológica.

Figura 4 – Meios de comunicação utilizados pelos alunos e alunas para ver seus programas favoritos



Fonte: MECOM; 2019

Apenas 30% dos/as estudantes declaram ver os programas favoritos na televisão aberta. Na prática, isso demonstra que, para conhecer o universo cultural dos/as estudantes, é necessário um mergulho nos conteúdos e nas representações em circulação nas plataformas de *streaming*. Em outros momentos, sobretudo nas décadas anteriores, os padrões culturais eram mais identificáveis a partir de marcadores televisivos, radiofônicos e mesmo de publicações impressas, como jornais e revistas. Havia novelas em horários predeterminados, programas infantis, filmes em horários matutinos, entre outros, convergindo igualmente para toda uma população consumidora de TV aberta. Desse modo, os hábitos de consumo eram mais facilmente mapeados — diferentemente do contexto atual, em que as plataformas *streaming* possibilitam o acesso a uma enorme variedade de filmes, desenhos animados

1 Nesta questão foi dada ao respondente a possibilidade de optar por respostas múltiplas.

e séries, sem um horário definido, o que rompe com a lógica de hábitos coletivos padronizados. Vale observar, entretanto, a capacidade dos algoritmos de *big data* quanto ao processamento dos grandes blocos de preferências individuais que acabam por delinear predileções coletivas.

A lógica algorítmica, quando programada para atuar como moderadora, estabelece uma ponte entre as infinitas informações em rede e os usuários e usuárias, buscando personalizar, cada vez mais, a experiência individual, seja em séries e filmes no Netflix, no YouTube, no Spotify, nos conteúdos que circulam em aplicativos de celular, entre outros. Desse modo, os padrões culturais são radicalmente fragmentados em opções feitas “sob medida” para cada indivíduo. Na prática da ambiência escolar, a resultante desse processo é que dificilmente os/as docentes e os/as discentes compartilharão em larga medida um marcador cultural comum, como ocorria, por exemplo, até o final dos anos 1990 e início dos 2000, nos quais além de menos opções de canais, séries e filmes, havia a forte presença das telenovelas e a centralização das fontes noticiosas, o que inegavelmente tornava menos complexa a identificação dos padrões culturais daquele período.

Sabemos que a leitura em multitelas, com simultaneidade de ofertas e aplicações digitais, desperta interesse junto aos/as estudantes — justificando o fato de 59% dos/das jovens declararem utilizar a internet durante mais de cinco horas por dia — e cria novas práticas e estratégias cognitivas nem sempre apreendidas pela educação tradicional. Por exemplo, o Facebook (65%) e o WhatsApp (69%) aparecem como opções mais escolhidas para a pergunta “você obtém notícias/informações através de”. Nas imersões em sala de aula, durante a pesquisa, presenciamos momentos de descontração nos quais os/as estudantes e os professores e professoras conversavam animadamente sobre séries, jogos e questões sociopolíticas. As discussões eram uma espécie de conversa entre pares, “de igual para igual”, demonstrando repertório cultural coincidente entre ambos os grupos. Então, conquanto cada grupamento de alunos e alunas tenha suas próprias referências, aquelas “de seu tempo”, mais customizadas, talvez menos conhecidas pelos professores e professoras, e conquanto o inverso também seja real, existe um campo de intersecção no qual aprendentes e ensinantes entendem-se e dialogam perfeitamente. O “tamanho” desse campo e como utilizá-lo didaticamente pode ser objeto de pesquisa mais detalhada, como aquela realizada na tese de doutorado de Rogério Pelizzari de Andrade (2019) abordando as referências musicais de alunos e alunas e em que medida tais preferências eram conhecidas por seus/suas docentes — e mais, se estavam integradas (ou não) ao processo pedagógico.

Para a pergunta “*o que você acessa na internet*” temos clareza do crescimento das plataformas de vídeos (*streaming*) entre os/as estudantes. Ademais, é compreensível o sucesso de YouTubers e de séries no YouTube e Netflix: há uma infinidade de conteúdos e programas para todos os gostos e idades sem depender de uma “grade de programação” fixa. Nesse cenário de liberdade de acesso ao entretenimento, os/as jovens, com poucos cliques, alcançam os conteúdos de acordo as suas preferências e/ou sugestões indicadas por algoritmos. Diferentemente de outros momentos históricos, podemos dizer que os padrões culturais estão altamente fragmentados em razão da multiplicidade — quase inesgotável — de opções abertas pelo YouTube, Netflix, Facebook e tantas outras plataformas. O que os/as jovens acessam, consomem e os modos pelos quais interagem tornou-se uma resposta demasiadamente complexa pela crescente oferta de novos produtos midiáticos.

Ainda que os celulares sejam proibidos na sala de aula e que nenhum dos conteúdos em circulação nessas plataformas sejam utilizados pelos/as docentes durante as aulas, os diálogos, as interações e as discussões dos alunos e alunas — isto é, a cultura entre os/as jovens — inegavelmente são referenciadas, também, por aquilo que acontece nos sites, vídeos e programas da internet (da mesma forma como ocorria quando a televisão aberta era a opção mais completa para obter informações rápidas e atuais).

Essa perspectiva contextual se torna ainda mais relevante ao constatar que a grande maioria dos/as estudantes declara (1) não ter o hábito de ler jornais e revistas impressas, (2) não reconhecer na TV aberta os seus programas favoritos e, por fim, (3) ficar mais de cinco horas diariamente em contato com a internet. Portanto, grande parte da informação resulta da interposição dos *media*, independentemente do assunto ou finalidade. Nesse contexto,

(...) as condições de existência desse tempo, e de sua particular situação na vida, vêm se transformando radicalmente não só porque agora a escola tem que conviver com saberes-sem-lugar-próprio, mas porque inclusive os saberes que nela se ensinam encontram-se atravessados por saberes do ambiente tecnocomunicativo regidos por outras modalidades e ritmos de aprendizagem que os distanciam do modelo de comunicação escolar (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 83).

O conjunto geral de dados coletados com os/as discentes indica a crescente importância das redes digitais para a apreensão de uma suposta realidade, voltada ao consumo midiático e, sobretudo, ao desenvolvimento das sociabilidades entre os/as estudantes. Embora tenha se tornado lugar comum afirmar que os *media* reconfiguram o contexto escolar e que eles inserem os

“nativos digitais” na dinâmica da contemporaneidade, a pesquisa elaborada pelo MECOM aponta que alguns aplicativos como WhatsApp, Facebook e YouTube são as principais fontes de informação dos/as jovens quando chegam à sala de aula.

Os alunos e alunas estão imersos numa lógica em rede que, em sua essência, obedece a fluxos de aceleração social do tempo. A *timeline* dos *media* na internet atende a uma demanda comunicativa por fluidez, velocidade, textos reduzidos e conteúdos personalizados que, em última instância, não exigem grandes reflexões, maturação e paciência para leitura — práticas, no entanto, fundamentais na constituição do processo de ensino-aprendizagem. Logo, as principais atividades desenvolvidas na internet retêm certa efemeridade e superficialidade. Não é obra do acaso que formatos fragmentados, como *speed learning*, tenham ganhado proeminência nos últimos tempos: há pouca paciência dos/as estudantes quando têm de lidar com leituras mais densas, reflexivas e que não atendem expectativas por rapidez e customização.

Em contraponto, a realidade da sala de aula mantém, além da didática baseada na centralidade docente como detentores únicos dos saberes, uma infraestrutura tecnológica tradicional — muitas vezes baseadas nas anotações dos professores e professoras feitas no quadro negro, em dispositivos eletrônicos como projetores², caixas de som e aparelhos de TV. A conectividade e o uso dos recursos disponíveis na internet como uma fonte de potencialização do ensino-aprendizado continuam, nas escolas pesquisadas, relativamente distantes da rotina na sala de aula.

Destarte, conquanto as escolas não estejam de todo imersas em um ambiente que explore “oficialmente” no seu plano de aula o potencial da internet *in loco* como fonte de interatividade e pesquisa, o alunado certamente promove essa imersão de forma paralela, por vezes, proibida. Em nossas observações, não foi incomum verificar que os/as discentes operavam o celular “às escondidas”, acionando WhatsApp, acessando Facebook ou YouTube. Vale dizer, estamos frente a práticas que se desenvolvem nos ambientes educativos formais, com ou sem anuência legal, ancoradas em dispositivos técnicos conectados aos ritmos temporais de intensa velocidade. Existem escolas e mesmo municípios e estados que ou proíbem ou impõem normas para o uso

2 Conquanto seja habitual, nos dias que correm, alunos e alunas fotografarem conteúdos de lousas e telões com seus celulares, ainda não é possível afirmar que esse “atravessamento tecnológico” resulte em alterações tão significativas do cotidiano escolar.

do celular em sala de aula, por exemplo, franqueando o acesso apenas quanto a certos tópicos das matérias ministradas ou atividades e projetos propostos por docentes e que incluam consultas a informações através dos meios locais. A questão do regramento, no tangente ao uso, difere significativamente conforme o estabelecimento escolar.

Uma das perguntas da pesquisa visava justamente saber mais sobre os tais limites: “*Na sua escola, existem regras para o uso do celular?*”. As duas respostas com maior incidência foram: “*sim*” (62%) e “*na minha escola não é permitido usar celular*” (30%). De todo modo, se juntarmos as alternativas “às vezes” (34%) e “*muitas vezes*” (11%), resulta que 45% da amostra faz uso do celular durante as aulas, o que não significa atendimento às normativas e regramentos interpostos pela escola. Também não quer dizer que os alunos e alunas desprezem recursos tecnológicos mais antigos, tanto eletrônicos quanto analógicos: eles/elas enxergam valor, por exemplo, nos dispositivos como projetores e caixas de som, segundo inferimos das respostas às questões abertas da pesquisa. Além disso, não há como olvidar a massiva presença digital no dia a dia dos/as estudantes participantes da pesquisa. Paralelamente a esse apreço por tecnologias menos atuais, os/as jovens reiteram (com raras exceções) a intensa presença do digital em seu dia a dia. Um percentual significativo (59%) admitiu que utiliza a internet por mais de cinco horas por dia, indicando que o contato com os mecanismos de aceleração, como o ágil deslizar do dedo polegar para trocar de um conteúdo para o outro (SERRRES, 2016), está intensamente presente no contexto infantojuvenil daqueles que acessam a internet majoritariamente por meio de smartphones³ (86%). O desempenho obtido com celulares é bastante superior ao notebook, com 32% de menções, e à SmartTV, com 25% de citações. A falta de mobilidade e as limitações impostas pela navegação via desktop⁴ tornam esse recurso desinteressante e obsoleto para as audiências adolescentes, uma vez que o microcomputador convencional não faz frente às possibilidades transitórias dos dispositivos móveis, que podem estar em todos os lugares — na sala de aula, no transporte ou no sofá de casa —, nem atende aos anseios pelo desejado vínculo permanente com o online.

3 Os participantes podiam assinalar quantas alternativas quisessem.

4 Selecionado por 23% dos/as participantes.

Conclusão

Na prática, a mudança nos hábitos de consumo tecnológico reconfigura a lógica não só das atividades em sala de aula, mas também dos expedientes de comunicação textual em modo físico. Agora, a preferência é crescente pelas informações digitais velozes, encontradas em formatos múltiplos, em geral, agregadas aos hipertextos. Tal cenário potencializa a experiência de ausência de horários fixos para consumir informações, tornando o celular uma espécie de fonte primária de conhecimento. Vídeos curtos, memes, GIFs e outras expressões narrativas da internet, compostas por mensagens diretas e instantâneas, contrapõem-se aos “textos longos” e são amplamente utilizados pelos/las estudantes. Tal fato revela que o encurtamento do presente não ocorre só na leitura, mas também na própria constituição da linguagem.

O reflexo dessa mudança na forma de ser e estar em um mundo mediado pelas tecnologias conflita diretamente com as estratégias consuetudinárias do ensino-aprendizagem baseado na tradição discursiva escolar — que permanece vigente na maioria das salas de aula, indicando desajustes em meio às novas formas de acessar, interagir, apreender e produzir informações. O repertório do aluno e da aluna de hoje, pelo menos no quesito de acesso à informação, é praticamente ilimitado. Desse modo, é preciso considerar esse novo perfil do alunado — que tem a possibilidade de aprender a todo o momento — para que as aulas sejam mais dialógicas e, sobretudo, a educação para os *media* seja uma pauta transversal a todas as disciplinas ministradas. Sobre a sociedade digital e seus reflexos na área da educação e comunicação, Martín-Barbero (2014) sinaliza: face à crescente presença das tecnologias digitais, o universo da educação formal precisaria se reconfigurar para ajustar-se às “deslocalizações” e “destemporalizações”.

Referências

ANDRADE, R. P. de. *Rap, funk, pop internacional*: percepção dos professores sobre as referências musicais dos alunos. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

SERRES, M. *Tempo de crise*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.